

A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NO CIBERESPAÇO

Resumir, em poucas palavras, a organização do conhecimento no ciberespaço, tema deste número especial, não é tarefa fácil. Igualmente a pragmática da área, que envolve novos fazeres e novos saberes.

Práticas sociais e profissionais são apenas compreensíveis, em um dado momento, dentro de um quadro paradigmático que configura suas fronteiras. No momento que o discurso das ciências modernas entra em crise, o novo só pode ser vislumbrado para além desses limites, pelo olhar de novos fundamentos epistemológicos, para a Ciência da Informação, que orientem os nossos instrumentos do pensar e do fazer.

Dessa forma, a abordagem da organização do conhecimento vai além do escopo da área, seja teórico ou prático, uma vez que o sujeito pós-moderno está envolto por agenciamentos semióticos múltiplos e maquínicos. Com efeito, para Deleuze e Guattari, na obra “Mil Platôs” (1995, v.2), uma sociedade se define por seus amálgamas e não por suas ferramentas, posto que não se pode considerar a tecnologia apenas como artefato ou ferramenta, nela mesma.

É nessa teia, no entrelaçamento de signos, homens e tecnologias a Ciência da Informação vai reconstruindo sua identidade, seus territórios, cada vez mais desterritorializados no ciberespaço. Nesse agenciamento, todas as práticas de organização virtual do conhecimento são operadas pelas tecnologias. Eis, de forma breve, o nosso conceito de agenciamentos maquínicos.

Assim, para visualizar a organização possível no ciberespaço, contemplamos alguns temas básicos, como a Web semântica, as *folksonomias*, os mecanismos de busca e as ontologias.

Faz-se a abertura do fascículo pelo artigo *Quando as Webs se encontram: social e semântica – promessa de uma visão realizada?*, de Maria J. V. Jorente, Plácida L. M. da

C. Santos e Silvana A. B. G. Vidotti que, ao abordar a Web semântica e social, traz conceitos sociotécnicos, portanto teóricos, desse novo sujeito pós-moderno que, conforme as autoras “Busca-se nas interdisciplinaridades e transdisciplinaridades investigar e dialogar com os diversos campos do conhecimento em rede.” Dessa forma, discute, além da tese proposta no título, a hibridização e redefinição entre as áreas de engenharia e humanidades, no que aproxima com o amálgama deleuziano.

Sobre as implicações sociais e técnicas, desses agenciamentos, para a organização do conhecimento no ciberespaço, Maria A. Moura propõe novas competências para as *folksonomias* e redes sociais: o *Tagging Literacy* ou competência classificatória. Para tanto, seus pressupostos são semióticos de fundamentação peirciana, explorando especialmente o signo simbólico, e aproximações do famoso triângulo semiótico, fundamento da representação, para o triângulo folksonômico, entre outras abordagens igualmente interessantes em seu texto intitulado *Folksonomias, redes sociais e a formação para o Tagging Literacy: desafios para a organização da informação em ambientes colaborativos virtuais*.

Em *Folksonomias: características das etiquetas na descrição de recursos da Web*, Maria Elisabete Catarino e Ana Alice Baptista debruçam-se sobre um *corpus* de etiquetas, extraídas de *sites* sociais para analisar as características desses rótulos. Ademais, preocupam-se em esgotar a definição de *folksonomia*, ora correlata a produto, ora a processo, e outros termos relacionados ao conceito. Percebe-se, a variedade de termos e conceitos que pretendem abarcar o assunto na literatura.

O artigo *As múltiplas sintaxes dos mecanismos de busca no ciberespaço*, de Silvana Drumond Monteiro, aborda um novo estatuto da organização do conhecimento no ambiente pós-moderno: aquele operado por máquinas, em regime de múltiplas sintaxes e semióticas. A autora estabelece filiações teóricas e filosóficas com autores que põem em conexão a cognição com as Tecnologias da Informação e Comunicação, sendo essa a marca epistemológica de suas pesquisas. Ao estabelecer categorias pelas quais os mecanismos de busca podem ser classificados, formula assim, uma ontologia sobre esse objeto, a saber: anatomia, forma geral de organização ou indexação; ordenação e apresentação dos resultados e paradigma semiótico.

No estatuto da palavra verbal escrita, Rove L. de O. Chishman discorre sobre *Integrando léxicos semânticos e ontologias: uma aproximação a favor da Web semântica*. Aborda, com muita propriedade, a questão da representação linguística, especialmente do

verbo e da predicação dos léxicos, por meio dos adjetivos, na área jurídica, visando estabelecer estruturas gramaticais que levem à ontologia de domínio, nessa área. Seu estudo nos alerta que, antes da especificação explícita de uma conceitualização, ou de sua ontologia, existem outras linguagens de base, a gramática de uma língua e as linguagens computacionais. Alerta ainda que, a predicabilidade e o estudo das categorias ontológicas são formas de descrever o sujeito e o mundo e remontam ao pensamento filosófico aristotélico.

J. L. De Lucca, em seu artigo *Detecção e extração de candidatos à aceitação baseadas em um thesaurus*, também nos domínios da Linguística e da Indexação, com base em um *corpus* textual CHADES (*Corpus Hispano Americano de Español*) trabalha a “desambiguação” das palavras polissêmicas de acordo com seu contexto e suas relações, especialmente nas dimensões semântica e contextual, lembrando que a palavra não pode andar sozinha, é sempre no contexto que o sentido se atualiza.

Na resenha de Renata G. Curty, sobre *A Nova desordem digital*, livro de David Weinberg, o assunto é abordado a partir das imagens do conhecimento. Essas imagens-pensamento recortam e explicam um plano de imanência, em determinado tempo histórico. Da árvore de Porfírio, à rede ou rizoma, o autor vai tecendo, de forma simples, a Filosofia/História da organização do conhecimento rumo à miscelânea.

Em síntese, a Web semântica pauta-se pela compreensão de uma linguagem de representação do conhecimento que possa atribuir semântica aos conteúdos. Já os mecanismos de busca operam a indexação e busca de conteúdo, no ciberespaço, por operações eminentemente maquínicas. Entre uma ou outra, surge o fenômeno da etiquetagem social, ou *folksonomia*, proporcionada pelas redes sociais, que coloca pessoas comuns como atores nesse processo de organização e também as ontologias, que são semânticas de domínios específicos do conhecimento.

Conceitos como *Web* semântica, *Web* social, *folksonomia*, *social tagging*, ontologias, mecanismos de busca, entre outros, mais que separações, refletem um mar de significados e construções simbólicas que se misturam, atualizam-se, ou escondem-se na pragmática de conteúdos organizados e buscados no ciberespaço. A inteligibilidade dessas configurações proporcionará possibilidades de atuação, seja teórica ou prática, na complexa organização do conhecimento no ciberespaço.

Desejo que todos usufruam de boa leitura e que esses textos ajudem a novos construtos, simbólicos ou práticos, sobre esse interessante e inexorável assunto.